

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

39

v. 23 n. 39 Julho/Dezembro 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor
Rui Vicente Oppermann
Vice-reitora
Jane Fraga Tutikian

INSTITUTO DE ARTES

Diretora
Lúcia Becker Carpena
Vice-Diretor
Raimundo José Barros Cruz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Coordenadora
Paulo A. de Menezes P. da Silveira
Coordenador Substituto
Alberto Marinho Ribas Semeler

Assistente Administrativo
Patrícia Pinto

Bolsistas - PROPG
Rafael Souza
Bernardo Hermann

PORTO ARTE: REVISTA DE ARTES VISUAIS

EQUIPE EDITORIAL

Ana Maria Albani de Carvalho
Marilice Villeroy Corona
Mônica Zielinsky
Paulo Silveira
Teresinha Barachini

CONSELHO EDITORIAL

Androula Michael (UPJV, Amiens, França)
Annateresa Fabris (USP, São Paulo, Brasil)
Cristina Freire (USP, São Paulo, Brasil)
Icleia Borsa Cattani (UFRGS, Porto Alegre, Brasil)
Isabel Sabino (FBAUL, Lisboa, Portugal)
Raquel Henriques da Silva (UNL, Lisboa, Portugal)
Raquel Stolf (UDESC, Florianópolis, Brasil)
Suzete Venturelli (UnB, Brasília, Brasil)
Victor I. Stoichita (UNIFR, Fribourg, Suíça)

PROJETO GRÁFICO

Arthur Mayolo

EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Arthur Mayolo

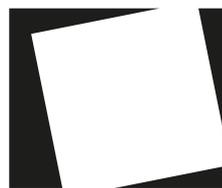
CAPA

Arthur Mayolo

TRADUÇÃO

Marilice Corona

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Porto Arte. – v. 1, n. 1 (jun. 1990). Porto Alegre :
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de
Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais,
1990 - .

Semestral (jan./jun.)

A partir do v.5, n. 8 (nov. 1993) passa a incorporar o
subtítulo Porto Arte : Revista de Artes Visuais.

Os anos de 2015 e 2016 tiveram uma edição
comemorativa por ano. As edições semestrais seguem em
janeiro de 2017 com o n. 36 em versão apenas digital.

e-ISSN 2179-8001 (versão digital)

1.Arte : Periódicos. 2. Artes Visuais – Periódicos. I.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de
Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

CDU 7 (05)

Silvia Holler – CRB 10/2456

Versão digital:

<http://seer.ufrgs.br/portoarte>
portoarte@ufrgs.br

Como citar:

Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre:
PPGAV-UFRGS, v. 23, n. 39, jul.-dez. 2018. e-ISSN
2179-8001



pro.pesq
Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS



EDITORIAL

A Revista Porto Arte, na sua edição número 39, apresenta o *Dossiê Pintura, representação e o quadro em questão*, organizado por Marilice Corona. Este número buscou reunir diversas abordagens sobre a produção contemporânea em pintura, tanto do ponto de vista da crítica e teoria da arte quanto do ponto de vista da produção e também do ensino. Colocar o quadro em questão é partir do pressuposto que a tela vazia já carrega consigo uma infinidade de informações. Não se trata de um suporte passivo. O *quadro-moldura* ou o *quadro-limite* apresenta-se como um enunciado trazendo, dentro de suas bordas, uma longa história de poderes, técnicas, costumes e convenções. Questionar o espaço da e na pintura passa pela consciência das funções da moldura e essa tornou-se uma questão primordial desde a invenção do quadro como objeto, esse construto da cultura européia.

Pensar sobre o quadro é também pensar sobre esse espaço de projeção quadrangular que remonta as funções do *templum* e que não se limita mais à pintura, mas à TV, ao cinema, à fotografia, à tela do computador e outros. Essas janelas quadrangulares, receptoras de matéria ou emissoras de luz, nos acompanham cotidianamente e, de tão familiares, já não se questiona seu formato, apenas lida-se com ele. Mas é ali, na borda, em diálogo ou em rompimento com a borda, no limite ou na distensão da moldura que se instauram os problemas lançados pelo pintor.

O diálogo com essas novas janelas pode ser pensado através do artigo desenvolvido por Fátima Junqueira. A artista faz uma análise de seu processo que tem como ponto de partida a mediação tecnológica - frames de vídeo e fotografia - de suas pinturas. Analisa o diálogo e contaminação entre os diferentes meios, demonstrando a capacidade que a pintura possui de se reinventar. Também com um enfoque nessas relações entre a pintura e outros meios de produção de imagem, Niura Legramante Ribeiro traz uma valiosa análise sobre as relações entre o cinema e a pintura no trabalho de Ricardo Mello. Ribeiro nos leva a pensar se "a imagem técnica projetada pode

outorgar a sua autoridade de paradigma temporal para a fatura pictórica." Nos dois artigos poderemos encontrar as formas de contato e contaminação da sintaxe tecnológica, porém os desdobramentos e consequências desses serão bem distintos.

Do ponto de vista do ensino, Joaquín José Escuder Viruete nos traz um importante questionamento sobre as transformações acarretadas no âmbito acadêmico em relação ao ensino da pintura nos dias atuais. Escuder parte de uma perspicaz observação sobre uma perda crescente de conhecimento material da pintura, fato que desemboca em uma consequente perda perceptiva. Para o artista e professor, se por um lado a tecnologia tem permitido a expansão do campo da pintura, por outro tem se observado uma progressiva perda de percepção da matéria e a "mirada lenta que aporta a pintura como valor de pensamento". Seu artigo nos faz pensar sobre a temporalidade específica, inerente à pintura, tanto no que diz respeito a sua fatura quanto a sua recepção.

Icleia Cattani, por seu lado, partindo da afirmação enunciada por Damisch e Didi-Huberman de que "a pintura pensa", traz uma instigante reflexão sobre as pinturas de Marilice Corona. Cattani aponta para a ideia de um pensamento em pintura na produção de Corona que se daria "por meio das suas cores e formas, dos seus tempos e lugares, da *miseenabyme*, dos desdobramentos, das fotografias e migrações, das aberturas e frestas e, finalmente, dos seus campos."

A artista portuguesa Isabel Sabino desenvolve uma importante discussão sobre sua recente série de pinturas *Four seasons, please!* e sobre a função da representação na pintura nos dias atuais. Segundo Sabino, nessa série, "as alterações climáticas são o eixo temático fundamental". Para a artista "a realidade do mundo, concretamente, implica uma ação urgente, mas percebe que a pintura requer um questionamento diverso". Nesse artigo Sabino se pergunta e, ao mesmo tempo nos leva a pensar, sobre "a relação entre a representação da realidade e a pintura no contexto aberto da arte contemporânea".

Margarida Prieto parte da expressão latina "*Non nova sed nove* que se pode traduzir por: nada é novo mas tudo pode ser feito de nova maneira". Prieto nos leva a refletir sobre as possibilidades para a pintura nos dias atuais e aponta para a

tomada de consciência de que toda a obra se gera dentro de um contexto e tem sempre outras obras como referência. Como veremos, a artista traz ideias fundamentais sobre as misturas entre áreas artísticas e a forte presença da categoria do híbrido nas novas produções.

Corroborando com esse aspecto contextual e histórico apontado por Margarida Prieto, em que nada é novo mas pode ser feito de nova maneira, Marilice Corona analisa alguns aspectos da pintura da artista chilena Josefina Guilisasti na tentativa de demonstrar como o gênero da natureza morta é ressignificado em sua obra. Corona tenta demonstrar, através dos estudos de Victor Stoichita sobre os “nichos” do século XVII, como Guilisasti atualiza esse topos da natureza imóvel na construção de suas pinturas-instalações. Victor Stoichita através de seu texto *La “Veronique” de Zurbarán*, inédito no Brasil, vem enriquecer ainda mais esse Dossiê. Embora o artigo trate das “Verônicas” que o pintor espanhol realizou no século XVII, a análise hermenêutica que o historiador empreende das imagens, nos apresenta tanto a tradução de uma iconografia de época como demonstra a consciência do pintor frente aos mecanismos da linguagem e da representação. Stoichita nos leva a perceber as estratégias metapicturais já utilizadas por Zurbarán. São essas novas aproximações derivadas da antropologia e da hermenêutica que permitem uma nova construção da história das imagens muito distinta das correntes que conceberam a história da arte como uma simples sucessão de estilos alinhada a uma noção de progresso ou a um purismo de linguagens. Stoichita nos revela o antigo uso de estratégias metalinguísticas que encontramos não apenas na pintura atual, mas no teatro, no cinema e na literatura contemporâneos. O texto no Dossiê em francês é traduzido em português em nossa sessão Versões.

Ao se concluir o Dossiê, trazemos o artigo de Zalinda Cartaxo que delinea um eficiente percurso histórico desde o surgimento do quadro de cavalete, do quadro como objeto aos dias atuais. Sua intenção é circunscrever o conceito de estrutura a partir do estudo das transformações do espaço na pintura. Nesse percurso, o quadro-limite é colocado em questão, o campo expande-se e a pintura se apresenta em distensão.

Para a Sessão Ensaio Visual convidamos o artista Ricardo Perufe Mello que apresenta a série *Carne da Imagem: Apontamentos*. Trata-se de imagens derivadas de “uma prática de pintura lenta e manual, que tem como seu ponto de partida a tentativa da fiel cópia visual de uma imagem videográfica projetada pelo slide fotográfico na escuridão, sobre o suporte”. Seu trabalho vem contribuir com as questões relativas às reverberações e diálogos entre meios e linguagens.

Na sessão Artigos e Ensaios, Clóvis Martins Costa apresenta sua pesquisa e o uso que faz do conceito de distensão. Em seu artigo o artista “trata do cruzamento de procedimentos na construção do campo pictórico, através de processos que envolvem a experiência em um território específico e sua distensão através da fotografia e do contato entre superfícies”. Acompanhando essa ideia de cruzamento de linguagens e meios, Jociele Lampert traz seu pensamento a respeito da experiência do professor-artista, de suas experiências em pintura e fotografia e sua experiência didática. Lampert parte das ideias de John Dewey para falar do atelier como laboratório.

Por fim, na última Sessão, trazemos a entrevista realizada por Antonia Taulis com a artista chilena Josefina Guilisasti que permitirá ao leitor uma aproximação com o processo de criação da artista. Guilisasti nos relata sobre o contexto artístico em que se formou e que está hoje inserida, sobre como e por quê escolhe suas imagens e como se relaciona com a teoria e história da arte e da cultura. Debatendo sobre essas questões, Taulis e Guilisasti discutem sobre a ressignificação da pintura no processo da artista.

Almeja-se que esta edição venha a contribuir vivamente com a pesquisa e o debate em torno da pintura contemporânea e o campo da representação.

Equipe Editorial
Ana de Carvalho
Marilice Corona
Mônica Zielinsky
Paulo Silveira
Teresinha Barachini